

# Migração, trabalho e sorte: uma análise sociológica sobre regras e condutas em garimpos na fronteira franco-brasileira

Antonio Sabino Da Silva Neto<sup>I</sup>

Leonardo Damasceno De Sá<sup>II</sup>

<sup>I</sup>Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP, Brasil

<sup>II</sup>Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Objetiva-se analisar o garimpeiro a partir de sua inserção no sistema das atividades de garimpagem, ao problematizar questões políticas, normativas, econômicas e sociais. Os garimpeiros atuam por meio de aprendizados partilhados pelo processo de extração do ouro a partir da transmissão de práticas, como a categoria nativa *fofoca*, compreendida por meio de suas agências comunicativa e temporal. A pesquisa utilizou entrevistas, diários de campo e levantamento de jornais e revistas. Este trabalho analisa a fronteira franco-brasileira, a exemplo da sociabilidade familiar e do engendramento de normas de conduta compartilhadas socialmente nos garimpos.

**Palavras-chave:** migração, trabalho, sorte, garimpo, fronteira franco-brasileira

## Migration, work, and luck: a sociological analysis of rules and conduct in gold mines on the French-Brazilian border

The objective is to analyze gold miners based on their insertion in the gold mining system, problematizing political, normative, economic, and social issues. Gold miners operate through knowledge shared through the gold extraction process, based on the transmission of practices, such as the native category of *gossip*, understood through its communicative and temporal agencies. The research used interviews, field diaries, and surveys of newspapers and magazines. This work analyzes the French-Brazilian border, using examples of family sociability and the creation of socially shared norms of conduct in the gold mines.

**Keywords:** migration, work, luck, gold mining, French-Brazilian border

## Introdução

**M**igrar, residir, trabalhar e constituir laços de pertencimento nas fronteiras foi e continua a ser o percurso realizado por muitos homens e mulheres “em busca de uma vida melhor” (APPADURAI, 2013). Na fronteira franco-brasileira, como componente estimulador desta busca, reverbera a percepção amplamente difundida entre os migrantes de que os garimpos propiciam uma condição de rápida ascensão social, ao mesmo tempo que se caracteriza a sorte como fator preponderante para a conquista desta mudança. De início, esconde-se do neófito na arte garimpeira os longos processos de sujeição nos quais estará inserido, sobretudo pelo fato de a condição de migrante ser “inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida” (SAYAD, 1998). Ao percorrer os mais diferentes desafios no universo fronteiriço, perceberá que a nova vida será composta por uma série de inserções em trabalhos de vasto perigo e elevado esforço físico, como se constitui o caso elencado dos garimpos franco-brasileiros (MARTINS, 2014)<sup>1</sup>.

Além disso, soma-se a condição de clandestinidade (MARTINS, 2014) e de desclassificação (MELLO E SOUZA, 2014), vivenciada por praticamente todos aqueles que atravessam a fronteira para atividades vinculadas ao ouro, em um frenético ir e vir; sobretudo por este traslado



predispor como condicionante, em quase todos os contextos, a realização de práticas caracterizadas pelos Estados Nacionais como criminosas (MACHADO, 2000; COSTA, 2009; COUTO, 2022). Assim, tal contexto colabora para que a mudança represente uma das principais características das atividades em garimpos, seja inserida no aspecto geográfico, seja a partir das condições de vida e das expectativas dos garimpeiros, pois, como aponta Coelho e Wanderley (2017), existe um “vaivém” entre fofocas, aventuras e sazonalidades de trabalhos quando se observa os garimpos como campo de investigação.

A definição do migrante como um indivíduo criminoso circunscreve um longo processo de sujeição, sobretudo quando sua classificação social resvala na figura do garimpeiro. Ser identificado e se identificar como garimpeiro, por si só, garante ao trabalhador do ouro um local subalterno dentro das lutas por espaços pelo poder na fronteira, especialmente quando é apreendido por forças policiais de algum dos países. Entre os agentes públicos responsáveis por coibir e punir atividades de extração de ouro no rio Oiapoque, ser classificado como garimpeiro e ser classificado como criminoso são categorias costumeiramente utilizadas como sinônimas. Nas palavras de um policial federal anotada em diário de campo, “quando bate o olho a gente já sabe quem são, né... o procedimento [apreensão e prisão] é o mesmo”. Forja-se uma demarcação, uma *di-visão* por meio de características atribuídas a um grupo específico.

A sorte e o trabalho são duas categorias conhecidas por propiciar uma mudança do local social ocupado na fronteira. Estas terminologias nos ajudam a problematizar algo mais amplo: seja entre empresários ou garimpeiros, há uma compreensão da existência de um mercado de trocas capaz perceber através de uma realidade específica (o garimpo), ao possibilitar entender questões mais amplas de funcionamento da estrutura social da fronteira franco-brasileira, cujas formulações apontam para a perspectiva de que os agentes sociais interagem através de suas agências cotidianas, ao levar em conta como principal característica a relação indissociável entre indivíduo e estrutura (BOURDIEU, 2011).

Como percurso metodológico, destacamos a utilização de jornais para mapear os caminhos que seriam seguidos, constituindo-se como uma estratégia fundamental de acesso ao campo. Realizamos também pesquisa de campo através de observação participante, especialmente por meio de conversas cotidianas com moradores que vivem na fronteira franco-brasileira. Nesta perspectiva, a elaboração de diários de campo formou material para a demarcação dos percursos deste trabalho. Não obstante, a realização de entrevistas em profundidade, principalmente com aqueles que têm ou tiveram no garimpo e no comércio as engrenagens para a sua atuação profissional, surgiu como estratégia da pesquisa presente. Assim como Bourdieu (2011), buscamos compor várias entradas em campo – mesmo as que possam ser consideradas triviais – a fim de conhecer e interpretar a realidade social em um exercício constante para evitar a rigidez equacionada por um olhar unívoco sobre o tema. Ademais, seguindo o autor, a feitura deste trabalho se alicerçou na tentativa de empregar um rigor metodológico capaz de dialogar com o campo empírico estudado.

É a partir do contexto supracitado que dividimos este artigo em quatro partes. Na primeira, apresentamos contextos situacionais e históricos no Brasil que envolvem as relações de migração e garimpo na fronteira. Na segunda parte apresentamos as categorias nativas “fofocas” e “fuxicos”, acionadas em diferentes contextos para enquadrar aspectos da atividade de mineração. Na terceira parte, apresentamos a organização dos “garimpos de família”, formados principalmente por amigos e parentes. Por fim, na quarta parte, discutimos alguns dos modos de organização dos garimpos.

## 1. Garimpos na fronteira franco-brasileira

Ao buscar contextualizar a influência da mineração de ouro e de pedras preciosas junto à ocupação dos sertões brasileiros, é possível destacar que, desde o seu “descobrimento”, várias foram as investidas do Governo Português em buscar metais no território que acabara de dominar. Este processo proporcionou a ocupação do Brasil, ao acarretar a possibilidade de maior controle da Coroa. Estabelecer vilas próximas aos locais de extração auxiliou o Estado português na constituição de instituições públicas com maior capacidade de fiscalização. Em algum espaço de tempo, como aponta Costa (2009), forjaram-se aglomerados urbanos, especialmente em Minas Gerais. Cidades que viviam do ouro foram criadas à época, como Ouro Preto, Mariana e Tiradentes. Neste sentido, Machado (2000) aponta que a economia do ouro foi determinante para a formação do território nacional, bem como a implantação de fortificações no Norte e Nordeste brasileiros.

Foi especialmente por conta dos fluxos de contrabando internacional que a Coroa Portuguesa cravou fortificações no território brasileiro, para tentar manter controle sobre as transações que levavam ouro do Brasil para a Europa, sem o recolhimento da contrapartida portuguesa. Estas fortificações possuíam muito mais função simbólica do que efetivamente de defesa. Elas demarcavam o pertencimento territorial português sobre as terras e os bens que nelas existiam. Com as descobertas de ouro na Amazônia, novos movimentos em busca do minério ocorreram. Posteriormente, este evento criou grandes processos de migração para a região Norte do país, criando Serra Pelada (MOURA, 2008) e, não obstante, Oiapoque.

Nesta perspectiva, a economia do ouro esteve presente desde os primórdios do processo de ocupação portuguesa na região do Amapá. Como aponta Lia Machado:

Situadas nos principais lugares de comunicação, as fortificações constituíram assim verdadeiros marcos de fronteira, tendo ainda a função adicional de potencializar focos de povoamento, segundo o modelo proposto pelo engenheiro militar francês Vauban, em quem, aliás, os engenheiros portugueses se inspiraram para elaborar o plano de defesa das fronteiras e a construção do Forte Príncipe da Beira e do Forte de Macapá em forma hexagonal (MACHADO, 2000, p. 5).

Deste modo, o principal intento do governo português passou a ser também o do governo brasileiro ainda no século XX. A aproximação de órgãos estatais se deu especialmente para tributar as lavras garimpeiras na região amazônica. Ainda nos anos 1940, percebia-se a disparidade

cambial entre o Brasil e outros países do mundo. Assim, estes dois fatores ajudavam o movimento muitas vezes realizado de contrabando de ouro internacional (SOUSA, 1940).

Tal movimento submeteu os garimpeiros a condições de vida precárias, situação que demonstra pouco avanço em relação aos direitos sociais desse grupo, que hoje são similares aos da década de 1940. Henrique Sousa vai mais adiante e aponta que “fez renascer, no século vinte, condições de trabalho e de meio social que pouco diferem das que nos relatam as descrições de dois séculos atrás. Neste particular, deve ser colocado em primeira linha o Estado do Pará com o Oiapoque na fronteira 79 guianense, o Gurupí na fronteira maranhense” (SOUSA, 1940).

É neste sentido que François-Michel Le Tourneau (2021) aponta que os garimpos funcionam como sistemas sociais complexos, que possibilitam pensar o seu funcionamento para além da relação extrativista, pois abarcam problemas sociais, econômicos e culturais. Assim, como aponta Feldman-Bianco (2004), tais sociedades são moldadas por processos históricos, como a globalização e a modernidade, que impactam as formas de organização social e as dinâmicas de poder.

A partir deste pano de fundo, é possível entender as relações presentes na fronteira por meio dos agentes sociais que buscam acumular capitais para alcançar novas posições, ao levar em consideração o local social ocupado e aquele almejado. Insere-se questões objetivas e subjetivas. Desta feita, pode-se, como aponta Bourdieu (2011, 2020), problematizar as representações que os agentes sociais têm sobre as divisões da realidade, tornando-as realidades das divisões. É nesta perspectiva que propomos que a acumulação de capitais na fronteira franco-brasileira pode ser pensada de dois modos.

A primeira possibilidade de acumulação de capital se dá através da economia econômica, cuja agência propicia posições de mando (BARREIRA, 1998), como donos de maquinários em garimpos, donos de carros ou embarcações para transporte de pessoas e de mercadorias, assim como proprietários de grandes estabelecimentos no comércio fronteiriço. Estes agentes adquirem uma posição dominante, pois, além de controlarem o capital econômico, impulsionam um sistema forjado por regras de conduta e por regularidades sociais na transmissão do local social ocupado entre seus descendentes, incluindo estratégias educacionais. Esta pesquisa intenta fugir de uma perspectiva economicista ou utilitarista da realidade social<sup>2</sup>, que, muitas vezes, corre o risco de reduzir as complexidades inerentes ao universo estudado.

Deste modo, não é possível entender a lógica econômica sem levar em consideração como as suas estratégias simbólicas se apropriam e conduzem aos contextos de interação entre os agentes sociais. Saber lidar com estes dois tipos de capitais se torna fundamental, sobretudo porque, no contexto social em questão, despontam socialmente aqueles que fazem “um bom uso” destes dois tipos de capitais (SAYAD, 1998). Como elabora um entrevistado ao se referir à formação dos filhos de proeminentes empresários locais, que resolveram investir na educação de seus descendentes:

Por exemplo, a cidade era cidade de um. Só tinha um dentista, só tinha um médico, tudo era um. Hoje só o que a gente tem um é o chaveiro, se ele viaja a cidade para em questão de chave (risos). Esse era o cenário, então a gente

observou isso que as pessoas buscavam qualificação lá fora para só depois retornar. Quem tinha uma condição mexendo com garimpo ou comércio, mandava o filho para fora e depois o filho retornava. Mas não era todo mundo que podia fazer isso. Então a geração que a gente tem hoje no Oiapoque, né? Na grande maioria das vezes, são pessoas que vieram para Oiapoque dessa fase inicial para conquistar algum espaço, conquistaram algum recurso e a partir daí investiu na educação dos filhos e agora esses filhos retornam para a cidade já para prosseguir nesta geração, mas uma geração mais qualificada, mais técnica e a partir daí a cidade vai mudando um pouquinho esse cenário esse contexto, né? Porque a maioria não quer mais ir pra garimpo (Entrevista com João, novembro de 2021).

Corroborando tal processo de transmissão do local social ocupado, as mediações simbólicas entre garimpeiros-garimpeiros, marreteiros-garimpeiros, garimpeiros-catraieiros, pirateiros<sup>3</sup>-garimpeiros etc. envolvem trocas de favores, ajudas e transmissões de conhecimentos. Estas interações podem se enquadrar como vínculos forjados através de práticas estritamente laborais, assim como envolver modos de como se portar e interagir em garimpos. Dessa maneira, os garimpeiros aprendem como devem proceder em determinadas relações sociais; isto é, poder-se-ia dizer que os agentes sociais incorporaram as regras do jogo como o fundamento da sua conduta (BOURDIEU, 2010).

Esta configuração forja um estilo de vida, advindo de uma economia moral, que em determinados momentos se suspende ou se sobrepõe à economia econômica do garimpo. Deste modo, o mapeamento de práticas garimpeiras, inseridas também em práticas comerciais, emerge como uma organização que possibilita entender os equacionamentos produzidos através das sociabilidades na fronteira. Os garimpos são, neste sentido, um complexo modelo social. Nas palavras de François-Michel Le Tourneau “*the garimpo is not just an extractive activity but a complete economic, social and cultural system*” (TOURNEAU, 2021).

Para melhor compreender o contexto em tela, chamamos a atenção para as terminologias “trabalho” e “sorte”, acionadas por agentes das mais variadas classes, sejam estes garimpeiros ou empresários que fazem parte das relações econômicas e sociais fronteiriças. Deste modo, de início afirmamos que uma viagem migratória à fronteira franco-brasileira não pode ser entendida apenas por uma mudança geográfica, mas também pela tentativa de transpor o local social ocupado. Especialmente caracterizada pelas falas dos exploradores do ouro, tal mudança pode ocorrer através das duas categorias citadas.

Nesta perspectiva, é interessante observar que se justifica a ascensão econômica daquele que “se deu bem” no garimpo pelo trabalho. São categorizados como “se deu bem” os garimpeiros que souberam economizar o que conseguiram na labuta garimpeira, investiram seus ganhos e ascenderam socialmente através do acúmulo econômico. Nas palavras de um filho de garimpeiro, que ascendeu socialmente “pelo estudo”: “não existia muita coisa para se ver... realmente [Oiapoque era] um lugar para trabalhar, ganhar um dinheiro e voltar para sua cidade. Investir e depois retornar – era mais ou menos essa ideia” (Entrevista com João, novembro de 2021). Porém, mesmo sendo a intenção da grande maioria dos migrantes que se aventuram em garimpos, a ideia de “investir e depois retornar” não representa as possibilidades de ação. Isto porque ser perdulário se constitui como uma das principais questões morais dos garimpeiros, pois as práticas

de diversão e de sociabilidade predisõem a exacerbação dos gastos auferidos com a extração de ouro. Muitos pensavam que, afinal, através da sorte, sempre é possível tornar-se rico novamente. Assim, bamburrar (encontrar ouro) no garimpo é a chance que muitos garimpeiros visualizam como oportunidade de viver aquilo que nunca foi vivido, comprar e aproveitar ao máximo. Deste modo, o mesmo interlocutor aponta que:

A boate do Júnior e a boate Roberta eram as duas casas de show que existiam. Tipo assim: rolava dinheiro muito alto, porque os caras vinham bamburrados do garimpo e eles acabavam com o dinheiro que tinham, né!? Chegava ao ponto de você ver um carro, assim, cheio de mulheres em cima seminuas, de lingerie, tocando funk, cantando... Quando sabiam que tinha muito garimpeiro na cidade, passava um carro anunciando que “tinha novidade”, que chegou gente de Manaus e gente de todo canto. Mulheres de todo o Brasil para ficar mesmo, bem ali, com os garimpeiros. Aí quem vinha do garimpo gastava tudo (Entrevista com João, novembro de 2021).

As possibilidades não se traduzem necessariamente em probabilidades de opções de ação no universo analisado. Esta dualidade entre possibilidades e probabilidades de ascensão social costumadamente não põe em xeque o conhecimento comum já assinalado de que o ouro é gerador de “riqueza” e propiciador de “se dar bem” na fronteira. Ou seja, o ouro é considerado auspicioso para propiciar uma mudança do local social ocupado, mesmo que, quando observada a probabilidade de ascensão, não se consiga realizar esta mudança.

Tal relação dual existe entre os garimpeiros porque é sempre visualizada a possibilidade de uma mudança brusca do local social ocupado, cuja condição pode ser beneficiada pela sorte. Assim, saber lidar com a sorte é um fator preponderante na vida dos garimpeiros. Para os garimpeiros, a sorte se avizinha com a possibilidade de se achar uma pepita, de bamburrar, ou simplesmente de não ser morto por ter bamburrado. Através da sorte, ganhar dinheiro suficiente para trazer a família para próximo ou gastar o dinheiro que conseguiu ficando “porre” e com mulheres são dilemas presentes nas expectativas e nos sonhos presentes na vida daqueles que encontraram nos garimpos franco-amapaenses a sua forma de experiência sociocultural.

É por conta disso que achar uma boa quantia de ouro não necessariamente propicia uma mudança social imediata na fronteira franco-brasileira. Na verdade, as exigências sociais tensionam a maioria dos garimpeiros para o uso do dinheiro conquistado com a lavra de ouro seja gasto com diversão. É por isso que muitos garimpeiros, ao conseguirem uma quantidade elevada do minério, saem dos rincões da floresta e vão à cidade de Oiapoque ou até à Macapá e passam semanas ou meses usufruindo do valor financeiro. Contudo, após esgotá-lo, voltam ao garimpo acreditando que conseguirão novos recursos para um dia sair definitivamente de lá.

Assim, estas ações empreendidas tensionam a lógica da economia econômica garimpeira, propiciando um modo de enxergar aquilo que é conquistado por meio dos significados atribuídos socialmente ao dinheiro, sobretudo como se deve gastá-lo. Pagar aquilo que deve – ou pagar o que deve ser pago –, além de aproveitar ao máximo, estão entre as principais probabilidades

de utilização dos recursos financeiros conquistados por garimpeiros. Um verbete publicado na *Revista Brasileira de Geografia* em 1942, sem autoria definida, aponta que:

Pela imprevidência e gênero de vida que leva, o garimpeiro é um personagem análogo ao seringueiro da região amazônica. Enquanto não é favorecido pela sorte, na “roleta imensa” do Garimpo, vive permanentemente infusado, isto é, endividado, tão cheio de compromissos para com os negociantes das proximidades, como o seringueiro em face da ganância do regatão. Pois que quase sempre é meia-praça, trabalha por conta de uma terceira pessoa, consoante o regime da parceria nos achados; em época de dificuldade, além do compromisso das meias, chega a dar, às vezes, todo o resto do seu direito, em penhor a outrem (*REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA*, 1942).

Todavia, com um olhar mais detido, é possível perceber que a sorte cada vez mais se organiza nos garimpos por meio de condicionantes que, em certa medida, determinam as reais chances de sucesso nas incursões dos garimpeiros. Se antes o modo de extração de metais era primordialmente artesanal, hoje se empregam técnicas e maquinários no processo de extração de ouro, a exemplo de dragas alocadas em balsas nos rios da região e retroescavadeiras, responsáveis pelos trabalhos de escavação. Deste modo, a sorte vem sendo enquadrada em condicionantes de funcionamento da extração de ouro, tendo em vista que “procurar no canto certo” se constitui em predispor das condições materiais de domínio das técnicas de busca pelo metal. Deste modo, com o ouro de aluvião (a céu aberto) em escassez, a figura do garimpeiro solitário com uma bateia se esvai, sendo necessário o engendramento de redes que fomentam a extração, a compra e a venda de ouro, o que mais uma vez tensiona a relação irrestrita com a sorte para mudar de vida.

Aqueles que vivem nos garimpos percebem a necessidade de ir além do acaso para conseguir mudar de vida. Alguns garimpeiros relataram, para esta pesquisa, que não basta mais contar apenas com a sorte. Nas palavras de um trabalhador do ouro da região do Oiapoque: “Jesus disse: orai e vigiai. Não pode ficar só esperando, tem que trabalhar”. Deste modo, insere-se a percepção entre os trabalhadores do ouro de que longos períodos de trabalho propiciam que a sorte possa ocorrer. Trabalho e sorte são, assim, faces de uma mesma moeda, podendo sinalizar a possibilidade de mudança do local social ocupado.

Segundo relato de um ex-garimpeiro, que por anos trabalhou nos garimpos no Oiapoque e hoje trabalha vendendo refeições, “trabalhei muito, já tive sorte, mas gastei com tudo que não presta. Hoje vivo do jeito que o senhor tá vendo”. Ou de outro jovem garimpeiro, que ainda sonha que sua hora de bamburrar chegará “tem gente que trabalha pouco e consegue, tem gente que é a vida toda e não consegue. Uns tem sorte, são abençoados, outros não [risos]” (*DIÁRIO DE CAMPO*, 2018). A sorte, sinônimo de esperança por dias melhores, relacionada a uma benção que pode ser alcançada, perpassa o cotidiano dos garimpeiros, estando presente em suas histórias de vida e suas visões de mundo.

Assim, o garimpeiro, responsável imediato pela extração de ouro, é caracterizado como o principal agente modificador das condições de existência na fronteira. Mesmo repleta de riscos, é

possível perceber a fronteira nas falas de seus moradores como propiciadora de expectativas por mudanças. As fronteiras são fermento de sonhos por novas condições de vida.

Este fenômeno não brota apenas na fronteira entre o Brasil e a França. Tomando como caso emblemático a fronteira dos Estados Unidos com o México, Naddi e Beluci (2014) apontam que os “imigrantes mexicanos vão aos Estados Unidos, primordialmente, para conseguirem um trabalho mais bem remunerado [além de objetivarem] alcançar uma melhor qualidade de vida”. É possível construir a perspectiva de que a travessia da fronteira entre Brasil e França, como em outras partes do mundo, configura-se através da busca por novas oportunidades para modificar, tanto material como simbolicamente, o modo que se vive. Assim, os casos de migrantes na fronteira franco-brasileira se assemelham aos de outros locais que também a enxergam como auspiciosa, porém desafiadora e perigosa. É a partir desta perspectiva que a fronteira é vista como problemática e, ao mesmo tempo, possibilitadora de mudanças.

## 2. Entre as fofocas e os “fuxicos do ouro”

Delmazo e Valente (2018) apontam que uma das principais preocupações na contemporaneidade é precisar como uma notícia se espalha, como mensurar seu alcance, além de indicar mecanismos para defini-la ou não como *fake news*. Redes sociais, como *Facebook* ou *WhatsApp*, encurtam distâncias de comunicação, sobretudo por possibilitar uma interação quase que imediata com distintas partes do mundo, colaborando para a difusão dos mais variados acontecimentos e atribuindo-lhes uma infinidade de interpretações. Este é um contexto quase que global, no qual a informação se destaca como instantânea, de rápido e massivo alcance. Contudo, mesmo que utilizadas nos garimpos da fronteira franco-brasileira, no período em que foram realizadas as incursões ao campo, as redes sociais e a internet não são o posto-chave de mediação da interação cotidiana responsável por movimentar as notícias locais. Assim, nos pequenos garimpos, as redes sociais, percebidas em outros campos como principais agenciadoras de trocas de informações, são postas em xeque. Afinal, mesmo que um garimpo tenha acesso à internet, ela é precária.

O envio de áudios, fotos e vídeos pode demorar horas ou até mesmo dias para que seja finalizado, colaborando para a utilização restrita das redes sociais. Tais condições geram um contexto propício para que, entre os trabalhadores do ouro, as notícias sejam espalhadas de modo mais vagaroso, estando a sua dinâmica de circulação atrelada principalmente à mobilidade dos garimpeiros, às trocas de informações entre pessoas de mútua confiança e a aparelhos de comunicação que, embora mais rudimentares, apresentam maior eficácia nas florestas, como os rádios comunicadores. Como verificado por Vargas e Aquino (2019), os rádios são bastante utilizados porque “na maior parte dos garimpos, não há sinal ou redes que possibilitem o uso do celular, o contato com o Brasil é feito por meio de frequências de rádio amador”.

Parto da afirmação de que tensionar os modos de difusão de notícias, denominados por moradores da fronteira como “fuxicos” ou “fofocas do ouro”, é fundamental para entender a organização dos modos de vida na fronteira, especialmente ao observar como os trabalhadores do ouro se relacionam por meio de suas trocas de informações. Para Elias e Scotson (2000), a fofoca tem a capacidade de reforçar as normas sociais, desacreditar indivíduos ou grupos e consolidar as divisões entre “os de dentro” e “os de fora”. Dessa forma, ela age como um mecanismo de poder discreto, pelo qual as relações hierárquicas são naturalizadas e o comportamento das pessoas é monitorado e controlado.

A perspectiva aqui adotada se fundamenta nas reflexões de Geertz sobre o papel da análise na antropologia. Segundo o autor, a análise deve se concentrar sobre uma interpretação das práticas e dos sentidos que os membros de uma cultura atribuem às suas próprias ações a fim de interpretar os significados que as práticas culturais têm para os nativos. Deste modo, conduzimos a investigação a partir das seguintes perguntas: como, dentro da Floresta Amazônica, onde ainda hoje não existe acesso amplo à rede de computadores, propaga-se entre as pessoas que nunca viajaram para além das redondezas de pequenas cidades cravadas no interior do Brasil a informação de que, em determinado local, no meio da floresta, há um garimpo de ouro? Quais circunstâncias propiciam que estas pessoas decidam realizar uma viagem para um garimpo? Ainda mais, como conseguem neles chegar? As respostas a estas perguntas, aparentemente objetivas, demandam uma série de análises, como salienta Geertz (1997), que envolvem “as formas simbólicas – palavras, imagens, instituições, comportamentos – em cujos termos as pessoas realmente se representam para si mesmas e para os outros” (GEERTZ, 1997).

Os “fuxicos do ouro” podem ser dados empíricos importantes para indicar as interligações entre garimpeiros e donos de máquinas em várias partes do Brasil, demonstrando que a economia do ouro não é determinada apenas por uma rede restrita, mas também por intrincadas redes de relações envolvendo vários donos de máquinas e garimpeiros. A partir desta questão, leva-se em consideração que cada vez mais os garimpos estão sendo constituídos com mais garimpeiros e maior investimento daqueles que os agenciam. Como chama atenção Geertz, a análise aqui presente constitui uma problematização que envolve um “bordejar dialético contínuo entre o menor detalhe nos locais menores, e a mais global das estruturas globais, de tal forma que ambos possam ser observados simultaneamente” (GEERTZ, 1997). Um exemplo disso pode ser encontrado em uma reportagem veiculada nacionalmente, que serve de mote para esta análise:

O garimpeiro é apenas o trabalhador que está sendo explorado, eles ficam em condições insalubres, colocando a vida em risco, muitas vezes contraem doenças como malária e acabam morrendo. “Então, quem ganha são os donos dos maquinários, ou seja, o empresário que financia. O garimpeiro fica apenas com uma porcentagem”, explica Ivo Cípio Aureliano. [...] Ainda de acordo com o assessor do CIR. “Os garimpeiros trabalham com maquinários que eles não conseguem comprar, então há alguém por trás que financia. Eles trabalham em equipe, têm informantes, olhares e pessoas que avisam quando tem operação [de fiscalização]”, acrescenta (REPORTER BRASIL, 2021).

Assim, em uma ponta dos fuxicos estão os donos de garimpo, cujas relações engendram laços que propiciam interação e trocas de informações sobre várias atividades envolvendo a extração

do metal. A rede de relações entre donos de maquinários possibilita que patrões informem aos subordinados sobre fofocas advindas de várias partes do Brasil. Como nas falas de um garimpeiro que estava no Pará, explicando-me sua escolha por um garimpo no Amapá, “o dono do barranco ficou sabendo da fofoca e mandou nós pra cá”. Este processo de troca de informações auxilia aos donos de garimpo na movimentação de forças de trabalho, espalhando trabalhadores que não mais precisem, ou possibilitando uma rápida chegada de trabalhadores do ouro quando se encontra um garimpo que necessite de várias atividades de atuação para que possa funcionar. Este modo de lidar com os garimpeiros é, como aponta Abdelmalek Sayad (1998), um modelo quase ideal para aqueles que desejam utilizar suas forças de trabalho migrantes com poucos custos e bons lucros (econômicos e sociais). Como o autor define, “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária e em trânsito” (SAYAD, 1998), definição essa que pode ser vinculada à atividade garimpeira.

Em maior intensidade, as fofocas também se espalham “à boca miúda”, atravessando estados e nações percorridas por garimpeiros, com notícias de novos garimpos, como na fala deste garimpeiro: “a gente fica sabendo por um e por outro, até pela televisão. Se passa na televisão é porque a fofoca tá grande” (DIARIO DE CAMPO, 2018). Deste modo, as trocas de informações entre conhecidos são intensas, sobretudo pela constante mobilidade vivenciada pelos trabalhadores do ouro.

As categorias “fofoca” e “fuxico” do ouro são de início percebidas e acionadas a partir de uma visão estrita do termo. Contudo, é importante frisar que, ao retratar informações compartilhadas em um contexto social específico, a rede de informações dos garimpos, as referidas categorias não se restringem à classificação de um modo de difusão de notícias. É possível compreender que as referidas terminologias também dialogam com as perspectivas simbólicas dos profissionais inseridos nestas atividades. Soma-se a esta ideia a delimitação de uma época por meio das terminologias “fofoca do ouro” e “fuxico do ouro”, que também podem ser categorizados como o “tempo do ouro”. Moacir Palmeira e Beatriz Heredia (1995) também sinalizaram a importância das demarcações temporais na interação cotidiana das pessoas. Se existe popularmente um “tempo das festas” demarcado entre dezembro e o dia de Reis, um “tempo da política”, caracterizado pelo início dos comícios até o fim da eleição, também é possível se falar em um “tempo do ouro”, classificado como “fuxico” ou “fofoca”.

Este processo é percebido há muitos anos. Como aponta o engenheiro Henrique Cáper Sousa (1940) “onde aparece [ouro], o faisgador [garimpeiro] aflui em massa. Quando cessa, o arraial se extingue. O ouro é, portanto, ainda quem preside ao destino de milhares de homens” (SOUSA, 1940). Neste sentido, a “época do fuxico” está presente nas construções dos garimpeiros quando relatam um período determinado, o de maior efervescência em busca de ouro, que se inicia quando se descobre uma grande lavra e finaliza quando esta lavra se esvai, iniciando um novo processo de migração daquele local que outrora aglutinou diversos trabalhadores. Assim, são ciclos de mudança e migração. Como aponta Abdelmalek Sayad (1998), a situação de migração propicia

uma dupla contradição na vida do migrante: “não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade” (SAYAD, 1998). Frases como as que se seguem foram elaboradas por garimpeiros e ex-garimpeiros quando estava em campo: “vim pra cá na época do fuxico”; “depois que a fofoca acabou, eu tive que arrumar outra coisa pra fazer, agora compro e vendo Euro”; “na época da fofoca era tudo lotado, agora não é mais do mesmo jeito”; “tem muita gente chegando todo dia, ainda achando que a fofoca é a mesma, mas o tempo dela passou” (DIARIO DE CAMPO, 2018).

Deste modo, a “fofoca” ou o “fuxico do ouro” remetem a um período histórico determinado, qual seja, o de maior efervescência migratória para uma determinada região devido à descoberta de metais preciosos. Deste modo, falar em fofoca do ouro também pode se referir ao momento que engloba o achado de uma grande quantidade de minérios, colaborando para que um grande fluxo de pessoas migre para a localidade. Nesta perspectiva, considerando que a extração mineral é lavrada em recursos naturais finitos, à medida que eles se tornam escassos, o grande contingente de garimpeiros diminui e o “tempo do fuxico” acaba. Nestes momentos de maior efervescência do ouro, é possível destacar que os garimpos se constituem como um mundo informal, com as operações sendo realizadas através de acordos orais, fechados pela palavra (TOURNEAU, 2021).

Do ponto de vista das microrrelações sociológicas, faz-se possível mapear os fuxicos do ouro pelas redes produzidas anteriormente e posteriormente à entrada de homens e mulheres no universo garimpeiro. Relações de proximidade de parentesco entre trabalhadores do ouro fomentam migrações para os garimpos em todo o Brasil. Também se insere neste fator de difusão de fofocas do ouro a intensa migração de um garimpo a outro no território nacional e internacional, o que leva os garimpeiros à construção de uma rede de informações com aqueles com os quais mantiveram contato anteriormente. Ao viajarem de um garimpo a outro, encontram pessoas que percorreram caminhos díspares e assim ficam informados sobre novos trechos abertos. Cito duas conversas com garimpeiros em Oiapoque que dialogam com as questões supracitadas. Um garimpeiro assim nos relatou:

Meu cunhado mora aqui [em Oiapoque] há uns oito anos. Depois de um ano, ele trouxe minha irmã e minhas sobrinhas. Pra mim, lá no Maranhão, as coisas não estavam dando certo, tinha dia que não tinha um prato pra comer. Você já passou por isso? Sabe como isso é triste? Aí ele me chamou pra cá e eu agora tou aqui [sic] (Conversa com um garimpeiro em maio de 2018).

**Na continuidade da pesquisa de campo, outro garimpeiro apontou questões similares:**

Já passei pelo Goiás. Passei pelo Pará, lá no Tapajós. Fui pra Venezuela... depois vim pro Oiapoque. A gente escuta a fofoca e vai atrás. Depois que começa a ficar difícil, quando a fofoca acaba, a gente se muda [risos] (Conversa com um garimpeiro em fevereiro de 2019).

As frases apresentadas figuram como exemplos, pois problematizam a influência dos “fuxicos do ouro”, ocasionados pelas notícias de novos garimpos. Como visto, os fuxicos são agenciadores

de novas expectativas de vida. Isto porque, quando um garimpeiro escuta de um colega de profissão ou de um parente sobre a possibilidade de um novo local recheado por novas jazidas de ouro, surge em si uma esperança de que tudo poderia ser diferente, que através da sorte sempre é possível mudar. Uma nova fofoca representa para os garimpeiros a possibilidade, mesmo que remota, de uma rápida mudança do local social ocupado.

É possível apontar que estas terminologias acionam concepções morais comuns, compartilhadas entre garimpeiros oriundos de várias partes do Brasil, que projetaram seus futuros na fronteira franco-brasileira. Nesta perspectiva, as concepções morais de tais trabalhadores influenciam sua prática laboral, preenchendo-a de significados políticos, econômicos e sociais.

Dentre os vários entrevistados, organiza-se um compartilhamento de motivações para se continuar a empreitada, o que predispõe um ciclo de pertencimento à economia do ouro. As esperanças e os pertencimentos não são compartilhados de modo uniforme entre os garimpeiros, tendo em vista que, ao observar o local social ocupado daquele que inicia na atividade, as estratégias de inserção neste universo variam em maior ou menor grau.

É válido frisar que a inserção na atividade não se trata de uma escolha estritamente racional do garimpeiro. Relacionamentos familiares, condições pretéritas de vida, a “sorte” de procurar certo, além de “não ter medo de trabalhar”, figuram como fatores presentes no cotidiano local, que devem ser observados para uma análise mais cuidadosa do processo de entrada e permanência de trabalhadores em garimpos.

Assim, um fator importante para se entender os processos de inserção e permanência nos garimpos são os relacionamentos amorosos. Quando viajam movidos pelas “fofocas do ouro”, alguns garimpeiros levam suas mulheres para os garimpos ou para cidades próximas, outra parcela “casa-se” lá mesmo. Como discorrem em seus relatos, o casamento no garimpo é “viver amigado”. Assim, quando eu perguntava a algum garimpeiro se ele era casado, as respostas variavam entre as seguintes: a) “não, a gente é só amigado”; b) “me amiguei quando cheguei aqui, aí tive de deixar a mulher lá [na cidade de origem], não dava pra ter duas aqui”; c) “[em] cada canto que passo eu deixo uma mulher”.

Viver amigado possibilita intensa mobilidade conjugal, sobretudo pela possibilidade de os laços afetivos serem dissolvidos com a partida de um ou outro cônjuge para paragens distintas, motivado pelas fofocas. Em outro relato, realizado por um garimpeiro, ao conversarmos sobre como estão seus relacionamentos amorosos no último garimpo que trabalhou, ele diz:

A gente tem que vir de vez em quando na cidade [Oiapoque] porque o garimpo tá muito parado. Tinha cinco dançarinas na boate, mas agora elas tão tudo amigada. No máximo que elas faz é ser marreiteira [comerciante]. Ai não tem quem faça um favor [sexo] pra gente [sic] (Conversa com garimpeiro, em setembro de 2018).

Pela própria maleabilidade das relações no garimpo, com um constante ir e vir, os relacionamentos são costumeiramente não duradouros – fator que torna o garimpo atrativo para alguns garimpeiros. Assim, estes locais se constituem como propiciadores de riquezas, de diversão e de

amores fugazes. Deste modo, saber entrar em um relacionamento exige também saber sair, momento em que as fugas e os despistes assumem ponto central nas relações na fronteira franco-brasileira.

Saber dar “despistes” é uma estratégia fundamental tanto para homens como para mulheres. Se, por um lado, os despistes são dados em policiais ou forças de segurança, em outros caminhos se faz necessário dar despistes nas próprias esposas, nos maridos ou companheiros com os quais se vive amigado. Livrar-se do parceiro de que é amigado e com o qual não mais deseja conviver, assim como buscar outros locais nos quais a fofoca esteja em maior efervescência, requer habilidade. Afinal, o garimpo não se resume à busca pelo ouro, incluindo também a procura por novas experiências.

Inserir-se nesta perspectiva a questão de que, para alguns garimpeiros, não é possível mudar de vida estando muito tempo no mesmo local; então, quando se muda, também pode-se deixar para trás amigos e amores. Exemplo disso está na fala de um garimpeiro que me disse “se não tá prestando, melhor deixar tudo pra trás, né?!”.

Um desses despistes foi presenciado em uma viagem de Oiapoque para Macapá. O próprio pirateiro, assim como outros passageiros, chamou a atenção para o acontecimento. O despiste aconteceu na viagem de uma mulher que desceu de uma picape na cidade de Macapá. Logo após sua saída, o pirata interpelou:

Professor, o senhor tá vendo aí? O peão me pagou pra deixar ela no Porto de Santana, pra ela ir ver a mãe em Santarém. Peguei ela com um vestido, chegou no Cassiporé trocou de roupa, colocou esse shortinho aí. Aí agora desceu em Macapá. O cara tá lá na floresta e o que a mulher dele faz? Por isso que não gostava de ser garimpeiro, tem que tá de olho [...] eu é que não me meto com mulher de garimpeiro [sic] (Conversa com pirateiro e passageiros, janeiro de 2019).

Quando o pirateiro foi indagado: “é mesmo?”, outra passageira respondeu: “ela me disse que vai ficar na casa de um amigo em Macapá e depois vai pra um garimpo novo no Pará” (Conversa com pirateiro e passageiros, janeiro de 2019).

Os despistes, as fugas e a perspectiva de mudança de vida propiciam aos garimpeiros uma mobilidade constante entre as várias regiões do país, seja realizada por homens, ou no caso em tela, por mulheres. Deste modo, as aproximações e as dissoluções de laços amorosos são constantes entre os trabalhadores do ouro, independentemente do sexo. Este exemplo também mostra a importância destas mulheres na economia de trocas garimpeiras, que, por vezes, como aponta Tedesco (2015) e Mendes (2019), é invisibilizada.

Porém, os garimpos não se constituem apenas por relações fugazes. Outros garimpeiros, ao ouvir e decidir seguir uma fofoca pela primeira vez, viajam sozinhos; contudo, logo após juntar algum dinheiro, “mandam pegar esposa e filhos”, alocando-os, como já dito anteriormente, na cidade ou no povoado mais próximo de onde trabalha. No caso da fronteira franco-brasileira, os pontos de fixação mais comuns são o município de Oiapoque ou a comunidade de Ilha Bela, localizada a 20 minutos de barco do distrito de Vila Brasil.

Como exemplo do processo de fixação, alicerçado por relações familiares, um garimpeiro, na fronteira há oito anos, relatou:

Mandei buscar a mulher e os meninos logo que pude. Ficar solteiro no início é bom, mas logo bate a saudade. Depois eu ficava pensando... será se fiz certo de vim pra cá? Será se eu volto? Depois que eu trouxe eles pro Oiapoque as coisas melhorou... Aqui eu fiz uma casinha... a gente acha que aqui é melhor do que lá [Maranhão]. Depois de um tempo minha mulher fez amizade. Eu também fiz amizade. Oiapoque tem um pessoal gente boa [...] agora vou sempre com uns amigo pro garimpo. (Conversa com um garimpeiro em 2018).

Como descrito pelo garimpeiro, contextos familiares e de amizade contribuem para fazer com que cada um, a seu modo, disponibilize mais ou menos tempo no garimpo, assim como as relações de proximidade e distanciamento auxiliam na permanência ou não permanência na atividade aurífera. Significa dizer que a lógica da economia econômica, identificada por muitos garimpeiros como a “febre do ouro”, é tensionada por uma economia simbólica, que envolve não só o processo de extração e acumulação em si, mas também se apropria de laços de amizade, confiança e pertencimento na fronteira. Assim, ir aos garimpos com amigos propicia segurança e afinidades. Além disso, as redes familiares dos garimpeiros se ajudam enquanto os homens estão no processo de extração aurífera, o que é possível descrever como uma vertente dos garimpos de família, cujo principal capital está na transmissão de técnicas e práticas garimpeiras entre gerações.

### 3. Garimpos de família e a transmissão de um *habitus*<sup>4</sup> garimpeiro

Descrita constantemente pelos interlocutores como o marco de sua migração ou de seus antepassados à fronteira, uma onda migratória percorreu o Oiapoque nas décadas de 1970 e 1980 por conta de um novo “fuxico do ouro” que despontou na localidade. É possível destacar um número significativo de nordestinos que vieram ao Oiapoque nesta incursão, advindos principalmente dos sertões do Ceará e do Maranhão. Muitos destes migrantes casaram-se, constituíram família e resolveram se fixar na fronteira franco-brasileira após o fim da fofoca. Durante a elaboração dessa pesquisa, foi possível observar até quatro gerações advindas dos pioneiros desta frente de expansão, tendo em vista que foram apresentados os filhos, netos e bisnetos destes garimpeiros e ex-garimpeiros. Nos relatos de um ex-garimpeiro, é possível problematizar as condições de vida na fronteira franco-brasileira à época de sua chegada, no final da década de 1970:

Demorei cinco dias nessa estrada pra chegar aqui. Não é essa moleza que o pessoal tem hoje, sai cedo e almoça em Macapá. Professor, pra você ter uma ideia, teve uma vez que eu tava indo pro garimpo, minha filha passou mal e a mulher demorou 15 dias na estrada pra levar a menina num médico na capital [...] se fosse pra morrer, tinha morrido e eu nem sabia (Conversa com um ex-garimpeiro, em 2018).

A [rua] Beira Rio não era assim não. Hoje tem esse muro aí que segura a água, mas não era assim não. Quando o rio enchia muito, a água vinha tomando conta de tudo. Teve um ano que todo mundo teve que sair correndo, porque

chovia, chovia e não parava. Não é essa chuvinha que dá hoje não. Era chuva mesmo. Aí os barracos da orla – onde tem prédio grande, aí era barraco – tudo se perdeu (Conversa com um ex-garimpeiro, em 2018).

Estas dificuldades relatadas pelo garimpeiro inserem a fronteira franco-brasileira em relatos similares sobre as condições de vida de muitos que se dedicaram a trabalhos na Floresta Amazônica. Sobretudo pelas precárias condições de vida das populações na Amazônia, os trabalhadores do ouro vivenciam contextos de elevado desgaste físico e emocional, como a convivência com as intempéries naturais, a exemplo da chuva e da malária, e as restrições de salubridade aos garimpeiros e seus familiares. Tais fatores levantam a reflexão sobre como é possível que estes trabalhadores enfrentem dificuldades como essas, tendo em vista que, em muitos lugares, o processo de extração de ouro é exponencialmente rudimentar, sobretudo quando inexitem redes de cuidado estatais para eles. Nesta perspectiva, assume papel preponderante, nos cuidados na fronteira, as relações de amizade criadas e compartilhadas pelos próprios garimpeiros e seus familiares.

Desde as décadas de 1970 e 1980 até a atualidade não se diferenciaram em grande medida as condições laborais dos trabalhadores do ouro, isto porquê a elevada exigência de esforço físico, somadas as dificuldades de viver na mata, tornam a profissão penosa. Significa dizer que, se observado de modo estático, a permanência de um garimpeiro na profissão não é atrativa, sendo destinada ao fracasso. Estas condições fazem com que dificilmente um garimpeiro consiga trabalhar após os cinquenta anos de idade “na lida pesada”. Contudo, não é possível caracterizar a permanência nas atividades de extração mineral de modo utilitarista, pois o garimpeiro se reinventa, assumindo novas colocações no universo pelo qual orbita.

É comum que o garimpeiro, após se fixar por um longo período em uma localidade, modifique sua atuação para trabalhos que girem em torno da economia do garimpo. Aqueles mais velhos que continuam na atividade de extração de ouro priorizam serviços menos exaustivos, auxiliando principalmente filhos e netos, em vez de se dedicarem a, por exemplo, trabalhar em maquinário pesado. Para exemplificar, um garimpeiro, que veio ao Oiapoque ainda na década de 1970, me relatou: “Os menino vão aí com picareta, cava buraco grande, passa essa terra toda na máquina, eles faz o grosso. Aí depois eu pego essa terra que já tirou e vou pra peneira, pra bateia. Sempre tem um cascalho. Eu vou ficando no mais leve, mas tirando o meu [sic]” (Conversa com um garimpeiro em setembro de 2018).

Outro ex-garimpeiro, que trabalhou em vários estados brasileiros, ao referir-se à importância de suas relações familiares quanto à sua fixação em Oiapoque, relatou:

Chega uma hora que a gente precisa de uma mulher para cuidar da gente, consegui uma e fiquei por aqui [em Oiapoque]. Agora eu tô mais fazendo um bico aqui e acolá [...] não dá pra trabalhar em garimpo pra sempre [...] a gente teve esse menino aí. Espero que ele não enverede pelo mesmo caminho, mas se ele quiser tem ouro pra correr atrás [sic] (Conversa com um ex-garimpeiro em setembro de 2018).

A fixação de garimpeiros na fronteira propiciou aos seus descendentes que tivessem contato direto com a extração do ouro, através da transmissão de aprendizados sobre técnicas e regras.

Assim, tornar-se garimpeiro demanda uma adesão não só à economia do ouro, mas também a um estilo de vida alicerçado na própria atividade. Neste sentido, a interação entre antigos e jovens garimpeiros que convivem em um mesmo ciclo social propicia aos novos um olhar refinado, quase que automático, quanto ao processo de extração do metal.

É válido observar que esta transmissão de aprendizados entre garimpeiros se organiza desde a infância, no cotidiano não só íntimo da casa, como também na vivência pública da cidade. Assim, o *habitus* garimpeiro é compartilhado tanto pelo núcleo familiar quanto pelas comunidades que vivem da fronteira, tendo em vista que, mesmo aqueles jovens que não têm o pai diretamente envolvido na atividade da garimpagem, interagem por meio do ciclo familiar ou social. Neste ciclo social é compartilhado um processo de inclusão em seus repertórios de expectativas e possibilidades práticas integradas ao universo do ouro e a sua vivência cotidiana na fronteira. Significa dizer que a fronteira franco-brasileira tem, como uma de suas principais condicionantes de organização e de regras, as leis produzidas pelas relações com e a partir do ouro.

As conversas comuns entre os garimpeiros em casa, quando voltam da floresta, perpassam lembranças das experiências vivenciadas no último período na mata, como aquelas de sorte ou de azar com o ouro, de conflitos, porres ou outras interações variadas. Assim, o jovem escuta desde cedo como se dão as relações no garimpo e como melhor proceder de acordo com cada demanda que venha a surgir por meio delas.

Paulatinamente, os descendentes de garimpeiros são incorporados ao cotidiano da garimpagem, realizando atividades pontuais. De início, quando crianças, acompanham seus pais até a catraia na orla da cidade para vê-los partir. Depois, um pouco mais velhos, executam pequenas atividades, separando materiais para que seus pais levem na boroca, uma espécie de mochila costumeiramente carregada pelos garimpeiros. Por fim, são inseridos na atividade pelos próprios familiares, que ensinam como realizá-las. Alguns moradores da fronteira, da segunda e da terceira geração, relatam como, ainda jovens, aprenderam as práticas de trabalho. Um ex-garimpeiro assim relatou:

Aprendi moleque a pegar na bateia aí na beira do rio. Eu era o mais velho, meu pai teve muito menino. Aí a gente pegava um peixe, tentava plantar alguma coisa, mas tinha que ir pro garimpo para viver. Desde cedo eu aprendi como fazer. Ia com meu pai e uns amigos dele. Meus irmãos vão, mas hoje não vou mais, mas me criei nessa mata aí. [sic] (Conversa com um ex-garimpeiro em setembro de 2018).

**Em outra oportunidade, assim nos foi relatado:**

Meu pai que me ensinou a pegar na bateia. Na primeira vez, você não sabe direito o que fazer. Tem que rodar direito pro ouro ir pro fundo. Tem que ter paciência. Depois tem que saber olhar, ver onde o ouro tá. Às vezes tem que usar azougue [mercúrio] [sic] (Conversa com um garimpeiro em janeiro de 2019).

Como descrito nas falas dos interlocutores, é possível perceber como ocorrem as práticas de transmissão de aprendizados no uso de materiais, de compartilhamento de normas de socialização garimpeira e de modos de pertencimento e de adesão a grupos formados dentro dos próprios

garimpos, presentes nesse processo de inserção social. Isto nos ajuda a formular uma contribuição sobre a formação de uma socialidade garimpeira que vive na fronteira com seus olhos voltados à floresta, tendo o garimpeiro como um de seus integrantes mais emblemáticos.

Neste modelo de garimpagem familiar, manifesta-se a predominância de um processo de extração de ouro demasiadamente rudimentar. O maquinário utilizado são baldes, pás, picaretas e a bateia. Se o processo de extração está na superfície, a bateia é a ferramenta mais utilizada. Quando existe a escassez deste ouro superficial, cavam-se galerias no intuito de encontrar os veios de ouro. No processo de cavagem, os garimpeiros cortam madeira da própria floresta com o objetivo de fabricar um muro ao redor da galeria, impedindo que o barranco venha a cair ou, como eles descrevem, que venha a “arriar”. Assimila-se a um “poço amazonas” este trabalho de escavação em busca dos veios de ouro. Como descrito, com o uso de ferramentas rudimentares e com trabalho pouco especializado, o sucesso da empreitada é atribuído pelos próprios garimpeiros à “sorte de procurar no canto certo”.

O percurso de viagens e de interações entre garimpeiros propiciou que os filhos de migrantes se casassem uns com os outros. Paulatinamente, as viagens para garimpos passaram a ser empreendidas por irmãos, tios, primos e cunhados, que viajavam juntos em busca do ouro. Se a mata é inóspita, repleta de pessoas desconhecidas, estabelecer grupos coesos e numerosos passou a ser um capital respeitável entre os garimpeiros, pois constituíam-se comunidades, em que “laços de sangue” representavam forte influência no estabelecimento de lideranças e elites locais. Assim, foram criadas estratégias de consolidação dos garimpos de família, através das quais se estabeleciam normas específicas de convívio e de organização do empreendimento aurífero, em que práticas eram transmitidas, casamentos realizados e as regras instauradas pelo grupo dominante. Como aponta Piccin (2020), “no que tange aos grupos dominantes, falar em estratégias de reprodução social refere-se às práticas através das quais se busca conservar ou ampliar seus diferenciais de poder em relação aos demais agentes do espaço social” (PICCIN, 2020).

Para estes garimpeiros, também se valoriza a mudança do local social ocupado a partir de construções simbólicas, vinculadas ao estilo de vida. Para isso, também levam em consideração a quantidade de ouro presente nos adereços, como cordões, anéis e inclusive dentes de ouro, os quais a sociedade local usa e pode valorizar. Poder usar o ouro em joias pessoais, como também não necessitar vendê-lo imediatamente, simboliza estratégias de demarcação social de “estar bem”, pois são o ouro e as joias os primeiros bens de que o garimpeiro se desfaz quando está em dificuldades, devido a sua rápida liquidez no mercado local.

Os garimpos de família assumem um papel preponderante na organização da fronteira, especialmente no controle de agências e emoções. Neles, também surge a afirmação de que são locais “mais tranquilos”, “sem briga”, “sem muita bebedeira” ou “com menor violência”. O controle e autocontrole se instituem entre parentes, em discursos alicerçados pela moralidade, preservação

da família e manutenção de um grupo coeso. Na fala abaixo, uma esposa de garimpeiro relata estratégias de manutenção de unidade social junto ao seu marido:

Eu gosto que meu marido vá pro garimpo com meu pai e com meus irmãos, porque eles olham ele pra mim. Aí se ele quiser se engraçar com outra lá meu pai não deixa. Meu pai vive dizendo pra ele: 'tu tem filho em casa, vai deixar minha filha como, se arrumar outra?' [...] se quiser você pode ir com eles pro garimpo, lá é tranquilo, é um garimpo de família (Conversa com esposa e filha de garimpeiro em 2018).

Nessa perspectiva, é válido pensar que, nas relações familiares, como aponta Ruth Cardoso (2011), o trabalho coletivo e cooperativo familiar se constitui como “instrumento necessário para conseguir um melhor nível de vida, e, para que seu funcionamento seja adequado, surjam modificações de outros traços culturais” (CARDOSO, 2011). Assim, relações provenientes entre estas pessoas interligam agências não só econômicas, mas principalmente simbólicas, que se consolidam cada vez mais através do compartilhamento de laços afetivos de interdependência.

#### **4. A lei do garimpo**

Foi a partir desta conjuntura de controle e autocontrole, produzida através dos garimpos de família, que passamos a refletir sobre quais fenômenos contribuíram para se instituírem regras no ambiente da garimpagem. É importante frisar que as regras estabelecidas nos garimpos de família não são fundadoras, mas sim representam novos rearranjos de agências na fronteira, tendo em vista que eles se estabelecem, como dito, após a criação de laços de reciprocidade e afinidades alicerçadas no cotidiano compartilhado. Assim, os fenômenos que podem ser caracterizados através de uma economia simbólica dos garimpos de família são, em certa medida, minoritários, tendo em vista a intensa mobilidade e a diversidade de pessoas que permeiam a atividade.

Nesta perspectiva, as fronteiras possibilitam aquilo que Jones (2012) aponta como usos de exceção, em que, em um tempo e espaço definidos, as regras estabelecidas por um Estado nacional são subtraídas em detrimento das relações diversas àquelas determinadas por estes Estados, inclusive com a possibilidade do uso da violência na resolução de conflitos. Significa dizer que não é possível pensar as fronteiras apenas como locais de dominação do Estado nacional, mas sim como espaços de luta (BRAMBILLA, 2015), nos quais existe a possibilidade de engendramentos de novas reorganizações políticas, não apenas o tensionamento do poder soberano. Deste modo, a questão do conflito e da violência nas fronteiras dialoga com as expectativas socialmente esperadas pelos agentes que para elas migram e que, por meio de suas práticas, as modificam. Inserido neste contexto, a fronteira é o local de conflito, mas também é aquele local em que o migrante busca “melhores condições de vida”, o que Appadurai (2013) chama de esperança de uma vida boa. Deste modo, perguntamo-nos: como agentes convivem com outros agentes nos garimpos

da fronteira franco-brasileira com os quais não se pode confiar “como uma família”? Como os conflitos engendrados na fronteira são, nas palavras de Simmel (1996), administrados?

Para tentar responder a estas perguntas, de início se faz necessário afastar a perspectiva de que as regras estatais são automaticamente incorporadas ao universo garimpeiro, simplesmente pelo fato de os garimpos estarem inscritos em um território pertencente a um Estado-nação. Regras são criadas ou reformuladas muitas vezes com a aquiescência de autoridades locais. Mesmo com grande número de pessoas habitando o mesmo local de trabalho, suas relações não se constituem por meio de regramentos rígidos, eminentemente economicistas, muito menos através de um modelo normativo regido pela individualidade. Existe um tensionamento entre as regras dos Estados – aqui especialmente o Brasil e a França – e os processos de administração de conflitos presentes entre os garimpeiros. Como aponta um verbete na Revista Brasileira de Geografia:

A vida nos garimpos é regulada por um código não escrito, mas conhecido e por todos respeitado. Neles, os garimpeiros tanto vivem em ranchos como em choças, ou em barracas de lona, morando aos grupos de dois ou mais indivíduos (REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, 1942).

A quantidade de garimpeiros em um mesmo garimpo influencia no modo como este se organiza. Existem garimpos cujas condições materiais de funcionamento demandam apenas 10 ou 20 garimpeiros, o que predispõe uma maior interligação e interdependência entre estes trabalhadores, com laços de amizade e pertencimento compartilhados. Atualmente, os conflitos internos presentes em pequenos garimpos, na maior parte das vezes, não alçam disputas que põem em risco a vida, sendo em menor grau utilizada a violência, sobretudo se estes se configurarem em grande parte como “garimpos de família”.

Contudo, como já explicitado, este não é o único contexto vivenciado na extração de ouro na fronteira. Nos locais de extração, encontram-se, muitas vezes, uma quantidade de trabalhadores do ouro que ultrapassa o milhar. São duas, três, até cinco ou sete mil pessoas reunidas em uma mesma corruptela de garimpo. Nas palavras de um garimpeiro, “tem garimpo que a gente não conhece todo mundo, o pião tem que ficar desconfiado [...] teve um primo meu que depois de uma semana que fiquei sabendo que tava lá também”; ou, nas palavras de um policial federal, que trabalha e reside na fronteira há quase quinze anos, “são verdadeiras cidades, difíceis de enfrentar, tanto pelo acesso, como pelo contingente reduzido de policiais para operações”. Nesse cenário, os garimpos se configuram como espaços sociais em que novas práticas são incorporadas e redefinidas por atores que advêm de várias partes da América Latina e que, por vezes, não partilham dos mesmos valores morais e culturais. A reconstrução de novas moralidades, alicerçadas em espaços nos quais regras de convivência apresentam redefinições constantes, propicia que outros modos de lidar com os conflitos sociais sejam entraves para se administrar a vida grupal em garimpos.

É válido destacar que os garimpos não se constituem como universos autônomos e que esta divisão entre grandes ou pequenos garimpos pode ser realizada, de início, apenas pelo número de pessoas que neles trabalham. Contudo, cada corruptela conta com aspectos que as diferenciam de acordo com contextos específicos de cada empreendimento, como os laços entre garimpeiros, o controle do dono do garimpo junto aos trabalhadores, a localização geográfica, além das dificuldades de extração, transporte e de venda de ouro.

Se em pequenos garimpos, como são os casos dos garimpos de família, a dominação tradicional (WEBER, 1991) adquire elevada força na organização dos conflitos sociais, inclusive nos de trabalho, nos grandes garimpos outras formas se instituem na administração de conflitos, especialmente pela exacerbação da violência. Como apontam Vargas e Aquino (2019), estar nas matas sozinho com ouro em mãos é um grande risco, tendo em vista quadrilhas que assaltam garimpeiros. Deste modo, associar-se é uma estratégia comum e necessária. Assim, os locais de extração, caracterizados como “quase cidades” tanto pelos próprios garimpeiros como pelas forças de segurança responsáveis por coibir a prática de extração aurífera, também são representados pela mídia em diversos estados brasileiros, por exemplo: “Lá dentro, a quantidade de carros estacionados impressiona. E o movimento de pessoas também. É quase uma cidade montada aos pés da serra” (JORNAL NACIONAL, 2015). Ou como consta no trecho a seguir:

A “cidade” de garimpeiros encontrada em plena floresta amazônica na Terra Indígena Yanomami, em Roraima, movimentava cerca de R\$ 32 milhões por mês com extração ilegal de ouro. A informação foi divulgada nesta quinta-feira (13) pelo general Gustavo Dutra, responsável pela missão do Exército que achou o garimpo. O local tinha pelo menos mil habitantes e é considerado pelo Exército como o maior garimpo já encontrado em Roraima (G1 RORAIMA, 2017).

Os garimpos do estado do Amapá se enquadram nas definições apresentadas na reportagem com investimentos enormes. Dentre os garimpos do Amapá, o mais famoso é o do Lourenço, no qual garimpeiros desenvolvem atividades de lavra de ouro há mais de um século, despontando como o mais antigo garimpo em atividade no Brasil (CHAGAS, 2019). Os jornais e blogs do Amapá assim retratam o referido garimpo, que, após longos processos migratórios de fixação populacional, tornou-se um distrito da cidade de Calçoene: “O distrito mais conhecido, o Lourenço, foi sede de uma grande multinacional que drenou o subsolo durante 20 anos e foi embora na década de 1990 deixando para trás centenas de famílias (que hoje são milhares)” (BLOG DO SELES NAFES, 2020). Como destaca o jornal Diário do Amapá:

Segundo João Evangelista, cerca de sete mil trabalhadores estão passando fome, porque eles dependem exclusivamente da atividade minerária para garantirem o sustento próprio e de suas famílias: “Fecharam o nosso garimpo e agora estamos aqui fazendo um apelo às autoridades para reabertura do garimpo. Hoje uma população de quase 7 mil habitantes do Distrito do Lourenço está desamparada, por depender exclusivamente da extração do ouro para sobreviverem, não havendo qualquer outra opção para prover o sustento próprio e de suas famílias” (DIÁRIO DO AMAPÁ, 2020).

Estes contextos, que propiciam a chegada de muitas pessoas na fronteira franco-brasileira, além da elevada mobilidade local, apontam que as configurações de administração de conflitos levam em consideração diversos aspectos, a exemplo do perfil daqueles migrantes e das reações construídas socialmente, de acordo com os conhecimentos adquiridos sobre como se portar em determinados contextos interativos. Como aponta Tourneau (2021) “*Defining themselves as a parallel society, they had norms ruling their communities which were to be followed, even if informal*”.

Inserido neste processo de arranjos de socialidade baseada na violência<sup>5</sup>, instituía-se uma perspectiva daqueles que já eram ou não categorizados como grupos violentos, como é o caso dos nordestinos que, por sua origem, provocavam medo nos moradores da fronteira, por serem imediatamente classificados como pistoleiros. A fala de um morador de Oiapoque, que nasceu na cidade, assim classificou: “Nessa época também, quando a gente via um rapaz nordestino lá no Oiapoque, principalmente do Maranhão, a gente já ficava com medo. A população já ficava com medo, porque o maranhense tinha uma história de pistoleiro, isso foi e se espalhou para o nordestino” (Entrevista com Patrício, novembro de 2021).

Os estereótipos e as identificações de determinados grupos se davam tanto pela aparência física como também pelo modo de falar e se vestir. Para Pierre Bourdieu (2002), os modos de falar, vestir etc. estão inseridos em um *habitus* próprio. Como aponta o autor, “a propósito, é preciso admitir que as técnicas corporais constituem verdadeiros sistemas, solidários a todo um contexto cultural” (BOURDIEU, 2002). Não obstante, Elias e Scotson (2000) argumentam que, muitas vezes, os estereótipos são empregados para fortalecer a identidade dos estabelecidos, que se veem como superiores aos *outsiders*. Esses estereótipos são simplificações e distorções da realidade, geralmente atribuindo características negativas aos grupos marginalizados, o que facilita sua exclusão social. O uso desses estereótipos contribui para sustentar as distinções de poder e justificar a posição subordinada dos *outsiders*. Isso instituía um modo de como lidar com o perigo, a quem temer ou respeitar e, sobretudo, quais eram as regras de conduta a serem seguidas quando observado o contexto em tela:

Sim, caboco chegava lá trajado com chapéu, camisa aberta, que o pessoal não tinha costume de usar. Camisa de botão, né, de bota. Pessoal do Oiapoque mesmo não tinha esse costume, aí chegava alguém de fora com esse perfil falando [com sotaque] meio maranhense, meio nordestino, já julgavam que era maranhense e que era perigoso. Então a gente não se aproximava muito e automaticamente essas pessoas iam para o garimpo (Entrevista com Patrício, novembro de 2021).

Assim, quando o forasteiro apresentava a “aparência” de nordestino, significava para os moradores da fronteira que existia grande possibilidade de ser um pistoleiro que vinha ao Oiapoque “acertar contas” com outros moradores. Segundo dados colhidos nesta pesquisa, que dialogam com aqueles apresentados por Vargas e Aquino (2019), os crimes de pistolagem eram especialmente acionados por contendas relacionadas ao ouro ou justiçaamentos. Como aponta a fala de um entrevistado:

Aí nessa época a gente ouvia falar “morreu um, morreu dois”, tinha muita pistolagem no garimpo, pessoal não contava, mas tinha pistolagem, a gente morria de medo. O caboco não foi com a cara do outro e mandava matar, às vezes não era ele que matava, ele pagava em ouro, e o outro ia lá e matava, essa pessoa [pistoleiro] sumia do Oiapoque (Entrevista com Patrício, novembro de 2021).

Destarte, tais percepções sobre as fronteiras, indicando-as, como apontam Albuquerque e Paiva (2015), como “terra de ninguém” ou como locais isolados sem a “proteção” do Estado, servem para aproximá-las da ideia de que são locais violentos ou que determinadas leis adquirem outros dispositivos de interação. A experiência de estar em um território de outro país muitas vezes não existia. Em uma fala, um ex-garimpeiro recorda: “Olha, eu tava num garimpo pro lado de lá [Guiana Francesa]. Mas pra mim não tem isso, é lado de lá, lado de cá... Essa selva aí não tem diferença, é igual a índio aí, não quer saber o que é França e o que é Brasil”.

Muitas relações são promovidas a partir de um sentimento de “falta”, ao mesmo tempo que se evidencia momentos de “incertezas” que propiciam limites complexos na vida de garimpos ilegais que ultrapassam o território brasileiro. Isto porque os trabalhadores muitas vezes não cumprem os requisitos para se regularizar como migrantes na Guiana Francesa. Esta situação encontra problemas quanto às condições de trabalho, tornando o dia a dia no garimpo repleto de tensão, tendo em vista a possibilidade de prisão pelos *gendarmes*, os policiais franceses. Relato deste exemplo se dá nas falas de um ex-garimpeiro em 2017, quando conta como se desenrola a atuação do referido grupo policial francês:

Uma vez, quando a gente viu, tinha francês pra todo lado, pra tudo que é canto. Aí só dava pra correr. Deixei tudo pra trás, não levei nada. Todo o material... Quando esses franceses pegam a gente, tem uns que são civilizados, só prendem. Uns mandam pro presídio, tem vezes que mandam a gente de volta pro Brasil. Mas tem uns que gostam de atirar, de bater. O pessoal diz que se fosse nos Estados Unidos tava todo mundo morto, mas pra eles a gente diz que só veio trabalhar (Conversa com o garimpeiro Osama, março de 2017).

Nesta perspectiva, é importante frisar que a função simbólica adquire papel preponderante no processo de organização da fronteira franco-brasileira, tendo em vista que é através das classificações que as normas compartilhadas, inculcadas nos indivíduos através do *habitus*, são fabricadas. Se as leis de cada país são adversas ao momento situacional vivenciado pelos garimpeiros, não significa que nos garimpos não existam regras e que estas não devam ser seguidas. Cada garimpo pode despontar códigos e normas que devem ser administrados e partilhados pela diversidade de trabalhadores que neles existem, independentemente da mobilidade.

Assim, os códigos morais podem variar de garimpo para garimpo, e as práticas punitivas também. Especialmente entre as décadas de 1980 e 1990, a presença do Estado brasileiro, como também do francês, era menor do que a existente hoje, colaborando para que as decisões de penas fossem julgadas e aplicadas sem um processo convencional de defesa. Neste contexto, mortes e roubos em garimpos se constituíam como práticas comuns, mas que, se descobertas, poderiam ocasionar conflitos a serem administrados entre os próprios garimpeiros.

## Considerações finais

Este trabalho buscou apresentar uma análise sobre a fronteira franco-brasileira, cortada pelo rio Oiapoque, a partir das experiências de seus moradores e migrantes relacionadas ao trabalho em garimpos. Por meio das falas dos agentes sociais com os quais se dialogou, foi possível perceber que a fronteira pode ser classificada como a casa, como o local de trabalho, como a via de passagem, como também o dispositivo de esperança em busca de novas oportunidades e de dias melhores. A partir da importância que tem na vida de diversas comunidades, dividindo-as e aproximando-as, a fronteira adquiriu um papel fundamental na tipificação dos costumes, entrelaçamentos explicativos das concepções de mundo, compartilhados entre aqueles que a habitam.

Foi possível apontar que existe um processo de classificação exterior, inicialmente circunscrito à capital Macapá, que sempre atribuiu ao garimpeiro as características de criminoso e perigoso, vinculado às atividades ilegais. Contudo, entre os moradores da fronteira franco-brasileira, os modos de socialização e classificação se distinguiam daqueles valorizados na capital do estado. Isso significa que as características valorizadas de acumulação de capital simbólico em uma sociedade voltada ao universo dos garimpos se diferem sobremaneira daquela valorizada em classificações sociais voltadas à cidade.

O modo de vida garimpeiro se realiza por meio das experiências de determinados sujeitos e grupos que resolveram migrar de seus locais de origem com o objetivo de conquistar novos horizontes, movidos por desejos e sonhos de uma boa vida. Principalmente nortistas e nordestinos saíram de suas terras em fuga da seca e da fome com a expectativa de ficarem ricos por meio de uma mudança abrupta do local social ocupado, expectativa essa ensejada pela possibilidade de conseguir obter ouro pela sorte. A imagem formulada do “ser rico” é fundamental nesse universo simbólico, pois engendra e justifica formas de trabalho para além daquelas a que estavam acostumados – especificamente a roça e o gado – para a de garimpeiro, através da qual a “sorte” adquire papel preponderante em suas explicações. Acreditar que, através do trabalho e da sorte, o garimpeiro pode chegar a conseguir muito dinheiro e mudar seu local social no campo é fundamental para que as engrenagens do sistema de garimpagem continuem a funcionar. A esperança de mudança de vida é uma das principais molas que impulsionam o trabalho nos garimpos. É esta esperança umas das causas que também mantém a estrutura social garimpeira de desigualdades em pé.

Parte destas problematizações está nas categorias nativas “fuxicos” ou “fofocas do ouro”, que desempenham um papel fundamental na dinâmica social dos garimpos, funcionando como um meio informal de disseminação de informações e de mobilização de trabalhadores. As fofocas percorrem diversos caminhos quanto à descoberta de novos garimpos, frequentemente compartilhadas entre garimpeiros e suas redes de contatos, tanto por meio de conversas pessoais quanto por rádios e outros canais informais. Essas informações, que circulam rapidamente entre os garimpeiros, geram expectativas e impulsionam migrações massivas para locais onde se acredita

haver novas jazidas de ouro. No entanto, a efervescência dos fuxicos é passageira, já que o ciclo da exploração de ouro é temporário; quando o ouro se esgota, a fofoca cessa, e a migração diminui. Além de servir como um mecanismo de mobilização de força de trabalho, as fofocas têm um papel simbólico e social importante, reforçando normas, criando hierarquias e moldando as relações de poder dentro dos garimpos. Elas são vistas, assim, não apenas como um simples meio de comunicação, mas também como uma prática que influencia as decisões de vida dos garimpeiros, suas migrações, normas e as estruturas sociais desses locais.

É importante frisar que, entre os garimpeiros, não se pensa em promover uma mudança na estrutura social desigual do garimpo. Há, na verdade, a construção de duas ideias: a primeira é ocupar um local social de mando no universo garimpeiro, despontando através da ocupação de outros locais sociais na economia garimpeira, como os de donos de embarcações, donos de máquinas, marreteiros etc. Uma segunda ideia está na percepção de provisoriedade indefinida da condição de garimpeiro, ocasionada pela condição de migrante (SAYAD, 1998).

Deste modo, ao migrar para os garimpos, também se pode buscar a possibilidade de juntar certa condição financeira e retornar para sua terra com dinheiro suficiente para “viver bem”. Estas duas percepções contrastam com a outra face da moeda que tensiona a vida dos garimpeiros: a perdularidade. Após conseguir juntar certa monta de recursos, costumeiramente, o garimpeiro gasta todo o valor auferido com mulheres e ficando porre em corruptelas ou na cidade de Oiapoque. Esbanjar o que se ganha ou guardar os valores auferidos nos garimpos são duas questões morais difíceis de conciliar entre os trabalhadores do ouro. Isso significa dizer que, mesmo quando a sorte os presenteia com uma grande quantia de ouro, é possível que, em alguns meses, o mesmo garimpeiro esteja no mesmo local de extração, pois gastou todos os recursos auferidos. Assim, esta dupla relação se dá a partir da incorporação de práticas características do garimpo por parte dos garimpeiros, cujas estruturas mentais estão incorporadas ao corpo na forma de *habitus* (BOURDIEU, 2011). Deste modo, é possível compreender que o estilo de vida garimpeiro é um modelo não fixo, mas sim histórico.

---

## Notas

<sup>1</sup> É possível problematizar que a condição do garimpeiro na Amazônia, de modo específico na fronteira franco-brasileira, dialoga com aquela apontada por Leite Lopes (1979), quando discute o caráter móvel do proletariado nômade, que está sempre vinculado ao trabalho que exerce em curtos espaços de tempo em diversos locais. Nesta perspectiva, as migrações acontecem “entre um trabalho e outro, sendo que o período que estão vinculados a um e a outro trabalho é relativamente curto. Mas considerando-se o período de trabalho intermitente a ele próprio, e não a sua relação com outros períodos de trabalho, o proletário nômade está imobilizado” (LEITE LOPES, 1979).

<sup>2</sup> O debate sobre o utilitarismo exerce forte influência nas ciências sociais. Pierre Bourdieu (2001, 2011) elaborou duras críticas sobre os modelos de análise que defendem compreender as relações sociais de modo estritamente racional, a partir do cálculo dissimulado dos homens. Posteriormente, Caillé (2011) identificou três tipos de utilitarismo: o prático (economicista); o teórico, que generaliza a condição do homem como calculista por “natureza”, e o normativo, que caracteriza justiça como “satisfação do maior número de indivíduos”. Em sua crítica, Caillé busca desconstruir o próprio antiutilitarismo de Bourdieu, classificando-o

no primeiro grupo citado. Como resposta, segundo Rodrigues Guimarães (2013), Bourdieu diferencia razão de racionalidade, podendo “as condutas serem razoáveis sem ser racionais”. Mais recentemente, uma reflexão sobre o ethos capitalista brasileiro e sua relação com o utilitarismo pode ser vista em Barros, Costa e Barreira (2019).

<sup>3</sup>Segundo Silva Neto e Sá (2019) “Os pirateiros são taxistas que realizam transporte de pessoas e de mercadorias entre as cidades de Macapá e de Oiapoque em veículos 4x4, costumeiramente Hilux. Seus serviços são utilizados principalmente no período chuvoso, denominado pela população como ‘inverno amazônico’, momento em que a utilização de ônibus e de pequenos carros é quase impraticável para viajar na estrada entre Macapá e Oiapoque”.

<sup>4</sup>O conceito de *habitus* descreve um conjunto de disposições duráveis — padrões de percepção, pensamento e comportamento — que os indivíduos desenvolvem ao longo de suas vidas, sendo influenciados pelas condições sociais em que vivem. Tais disposições não são apenas modos de agir, mas também formas de compreender o mundo, internalizadas ao longo do tempo (BOURDIEU, 2020).

<sup>5</sup>A discussão sobre sociabilidade violenta ou socialidade baseada na violência emerge a partir de profícuas discussões nas ciências sociais. Machado da Silva (2004) caracterizou sociabilidade violenta “antes como submissão que como subordinação, na medida em que este último termo implica a existência, em algum grau, da formação de condutas autônomas. Enraizada como um âmbito da vida cotidiana, ela não produz um distanciamento entre as fontes institucionalizadas de poder e as rotinas cotidianas, reduzindo a limites mínimos a comunicação necessária à produção do entendimento da própria situação, que é a base da formação autônoma da conduta”. Mais recentemente, Leonardo Sá (2021) apontou críticas ao conceito de sociabilidade violenta, propondo que socialidade armada seria uma formulação mais apropriada à discussão. Sá (2021) bebe em Marilyn Strathern, ao apontar que “diferentemente do conceito de sociabilidade, o conceito de socialidade não pressupõe uma experiência de comunidade e de empatia que acabaria levando a uma “sentimentalização da noção de relacionalidade”. Deste modo, para Sá, “o conceito parte da ideia de que as relações sociais não são algo inerentemente estimável. Há uma negativa da redução da reciprocidade ao altruísmo, da redução da socialidade à sociabilidade” (SÁ, 2021, p. 29).

## Referências

- ALBUQUERQUE, José Lindomar; PAIVA, Luiz Fábio Silva. Entre nações e legislações: algumas práticas de “legalidade” e “ilegalidade” na tríplice fronteira amazônica (Brasil, Colômbia, Peru). **Revista Ambivalências**, v. 3, n. 5, p. 115-148, 2015.
- APPADURAI, Arjun. **The Future as Cultural Fact: Essays on the Global Condition**. London: Verso, 2013.
- BARREIRA, César. **Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- BARROS, Luís; COSTA, Irlena Malheiros, BARREIRA, César. Uma sociedade capitalista sem os valores utilitários do egoísmo racional: O Brasil no início do século XXI. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 07, n. 15, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia Geral**. Vol. 1: Lutas de classificação: Curso no *Collège de France* (1981–1982). Petrópolis: Vozes, 2020.
- BRAMBILLA, Chiara. Potential of the Borderscapes Concept. **Geopolitics**, vol. 20, n. 1, pp. 14-34, 2015.
- CAILLÉ, Alain. O princípio de razão, o utilitarismo e o antiutilitarismo. **Sociedade e Estado**, vol. 16, n, 1-2, 2001.

- CARDOSO, Ruth. **Ruth Cardoso**: obra reunida. São Paulo: Mameluco, 2011.
- CHAGAS, Marco Antonio. The geopolitics of Lourenço, an artisanal mining region in the north of Amapá: trajectory, contradictions and unsustainability. **Boletim Goiano De Geografia**, 39, 1-18, 2019
- COELHO, Maria Célia Nunes; WANDERLEY, Luiz Jardim; COSTA, Reinaldo. Garimpeiros de ouro e cooperativismo no século XXI. Exemplos nos rios Tapajós, Juma e Madeira no Sudoeste da Amazônia brasileira. **Confins**, Paris, n. 33, 2017.
- COSTA, Luciano Rodrigues. Os garimpos clandestinos de ouro em Minas: tradição e mudança. **Revista História & Perspectivas**, vol. 1, n. 36-37, pp. 247-279, 2009.
- COUTO, Otávio. Ilegalismos e Sociabilidades Transnacionais: A Mitigação do Crime e o Controle Social a Partir das Mobilidades de Brasileiros na Fronteira Franco-Brasileira. **Revista TOMO**, n. 40, pp. 311-349, 2022.
- DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. *Fake news* nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, vol.18, n. 32, pp. 155-169, 2018.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. **Antropologia das sociedades complexas**. São Paulo: Editora Ática, 2010.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petropolis – RJ, Vozes, 1997.
- JONES, Reece. Spaces of refusal: Rethinking sovereign power and resistance at the border. **Annals of the Association of American Geographers**, 2012.
- LEITE LOPES, José Sérgio. **Fábrica e Vila Operária**. Consideração sobre uma Forma de Servidão Burguesa. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979.
- MACHADO E SILVA, Luis Antonio. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *In: Sociedade e Estado*, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004.
- MACHADO, Lia Osório. Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. **Revista Território**, pp. 1-13, 2000.
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2014.
- MELLO E SOUZA, Laura de. **Desclassificados do ouro**: a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2017.

- MENDES, Lise Maria Carvalho. **Mulheres no garimpo**: percepção sobre saúde e doença na fronteira panamazônica. Orientadora: Rosemary Ferreira de Andrade. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2019.
- MOURA, Salvador Tavares de. **Serra Pelada**: experiência, memórias e disputas. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- NAFES, Seles. Motorista é multado por transportar voadeiras quase três vezes maiores que picape. Blog do Seles Nafes. Macapá. Disponível em: <https://selesnafes.com/2020/07/motorista-e-multado-por-transportar-voadeiras-quase-3-vezesmaiores-que-picape/>. Acesso em: 30 de julho de 2020.
- NADDI, Beatriz Magalhães; BELUCCI, Vítor Prevedel. Fronteira México-Estados Unidos: um panorama geral. **Revista InterAção**, vol. 7, n. 7, pp. 94-126, 2014.
- PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz. **Os comícios e a política de facções**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- PICCIN, M. B. Famílias da elite rural estancieira do Rio Grande do Sul: meios de interação social e cultural e estratégias matrimoniais e sucessoriais de reprodução social. **Repocs**, vol. 17, n. 33, pp. 93-124, 2020.
- REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Garimpeiros. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, Outubro-Dezembro de 1942.
- SÁ, Leonardo Damasceno de. **Guerra, mundo e consideração**: uma etnografia da socialidade armada em Fortaleza. E-book. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2021.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SILVA NETO, Antonio Sabino da; SÁ, Leonardo Damasceno de. A terceira margem do Rio Oiapoque: comércio e garimpo na fronteira franco-brasileira. **Revista Pós Ciências Sociais**, vol. 16, n. 32, pp. 242–259, 2020.
- SIMMEL, Georg. **Sociologia**: Estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Alianza Editorial. 1996.
- SOUSA, Henrique Cáper Alves de. O ouro e a vida nalgumas regiões do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano II, nº 1, janeiro de 1940.
- TEDESCO, Letícia da Luz. **No trecho dos garimpos**: mobilidade, gênero e modos de viver na garimpagem de ouro amazônica. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

- TOURNEAU, François-Michel Le. Brazilian illegal gold miners resilience in French Guiana: The garimpo as an economic and social system. **European Review of Latin American and Caribbean Studies**, n. 112, pp. 1-27, 2021.
- VARGAS, Joana; AQUINO, Jania Perla. Garimpos de ouro na fronteira franco-brasileira: conexões entre o legal e o ilegal. **Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc.**, n. 3, pp. 219-235, 2019.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UnB, 1991.

#### **ANTONIO SABINO DA SILVA NETO**

(antoniosabino@unifap.br) é professor do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Amapá (PPGD/UNIFAP, Macapá, Brasil). Doutor e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC, Fortaleza, Brasil). Doutorando em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC, Fortaleza, Brasil).

 <https://orcid.org/0000-0003-4151-6508>

#### **LEONARDO DAMASCENO DE SÁ**

(leonardo.sa@ufc.br) é professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS/UFC, Fortaleza, Brasil). Doutor e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC, Fortaleza, Brasil). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC, Fortaleza, Brasil).

 <https://orcid.org/0000-0001-5983-9132>

#### **Colaboradores**

ASSN trabalhou na concepção e delineamento, análise e interpretação dos dados, na redação do manuscrito, revisão e aprovação final da versão a ser publicada. LDS trabalhou na análise e interpretação dos dados, revisão crítica, revisão e aprovação final da versão a ser publicada.

Recebido em: 01/04/2024  
Aprovado em: 16/12/2024

Editor responsável: Michel Misse